OESIA

Um poeta em Vermelho

Adilson Citelli

Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, onde ministra cursos de graduação e pós-graduação. Orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista Comunicação & Educação, bem como pesquisador 1C do CNPQ*. E-mail: citelli@uol.com.br

A seção Poesia tem procurado combinar a publicação de autores brasileiros e estrangeiros, alguns mais e outros menos conhecidos, no intuito de, ao mesmo tempo, fornecer referenciais canônicos e dar a nossos leitores jovens a oportunidade de conhecer poetas – ou, ao menos, aqueles cuja produção conhece circulação recente e mesmo mais restrita. Neste número, apresentamos alguns textos escritos por Agnaldo Gonçalves e saídos no livro *Vermelho*, publicado pela Editora Ateliê.

Agnaldo José Gonçalves nasceu em Buritama, estado de São Paulo, em 25 de agosto de 1949. É professor de Teoria Literária na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), de São José do Rio Preto. Crítico literário refinado, autor de obras fundamentais para o estudo das traduções intersemióticas entre literatura e pintura, Agnaldo Gonçalves exercita em *Vermelho* uma série de jogos de linguagem que revelam procedimentos apropriativos, seja na vertente das artes plásticas, a exemplo dos diálogos com Miró, seja na da tradição poética encarnada em João Cabral de Melo Neto ou Paul Valéry. Arnaldo Antunes aponta, em seu prefácio, algumas das marcas presentes nos poemas de *Vermelho*:

Diversos procedimentos formais (verbovisuais, barrocoloquiais, poppontilhistas, impressimbolistas) se mesclam no mosaico vermelho de Aguinaldo – dos diálogos com a tradição que compõem sua parte a (onde cada poema dedicado é um pouco impregnado pela forma daquele a quem se dedica), passando pelos grupos de poemas inter-relacionados por feixes de signos (parte b), que se rompem ("Óstraco") em estranhas justaposições de imagens mais distantes, surpreendentemente associadas (parte c)¹.

IGNIÇÃO

a João Cabral de Melo Neto as pedras as pedras as pedras! pétalas minerais deste lirismo crespas superfícies de amianto resistentes às chamas e ao inferno refratárias fibras infernais deste tecido sedoso limbo em placas frias rebento controlado da miséria em pedras enjauladas

fricciono-as até o fogo e mais nada

- É autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: Linguagem e persuasão (Ática, 1994); Comunicação e Educação: a linguagem em movimento (Senac, 2000); Palavras, meios de comunicação e educação (Cortez, 2006).
- 1. Os indicadores a, b e c, do prefácio escrito por Arnaldo Antunes. dizem respeito ao fato de Vermelho estruturar-se em três partes integradas. Em linhas gerais: na primeira, há um diálogo com poemas e poetas lidos, num indicativo das influências recebidas; na segunda, existe um jogo com imagens, indagandose acerca da extensão delas na e para a poesia; e, na última, revelam-se apreensões quase sensitivas do que decorreu da vivência do autor com as manifestações artísticas.

131

Revista eca XVII 2_miolo.indd 131 26/09/12 09:40

ÓSTRACO

```
meninos eu vi: pérolas rolando
                       pelas encostas de uma colina.
                   desfizeram-se do colar ao se arrebatar
                           contra um pequeno rochedo
                                  pérolas
                             soltaram-se do fio
                                     (soltas)
                                 Saltitaram
                               como loucas:
                                       pérolas
                                  pérolas
                                       pérolas
                              (completamente)
                                          pérolas
                                               redondas
                                   postas
                                 preciosas
                         buscando no desfiladeiro
                           seu ponto de origem.
                           a ostra (ou si mesma)
                                outra ostra
                         recanto nato e anatômico
                               glóbulo duro
                           brilhante e nacarado
                  formado na concha de moluscos bivalves
                                pérola pura
                  recomposta em adorno (como preciosa)
                          no pescoço do humano.
                                  pérolas
                                  pérolas
                            recônditas, redondas
                                 ostreídeos
fixas nas pedras, ostramente
fixas na madeira, ostramente
fixas em si mesmas ostrasostras.
imunes ao Ostráceo (sempre ostra)
confundem-se no outro (Ostracismo).
como em outro sempre ostra (Ostracista)
```

e de repouso

132

assim vivem

fixas nos ferros,

desenho de uma forma

como o glóbulo ocular

26/09/12 09:40 Revista eca XVII 2_miolo.indd 132

pérolas recônditas pérolas nesse mover-se em busca encontram nesta ostraria seu sinal de eternidade

serás sempre esse glóbulo ingênuo e precioso

que se embate nesta geometria finda e infinda

imune ao sol sem raios no nascente.